



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR - DESU
CURSO ON-LINE DE PEDAGOGIA

**A MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS SURDOS: A
VISUALIDADE COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO DOS
SURDOS**

GLEICE KELLY ROCHA DO NASCIMENTO

Ceará
2023

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR - DESU
CURSO ON-LINE DE PEDAGOGIA

**A MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS SURDOS: A VISUALIDADE
COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

Autora: Gleice Kelly Rocha do Nascimento
Orientadora: Waneska Ferreira Cavalcante

Artigo apresentado ao Curso On-line de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, como pré-requisito para o para obtenção de certificação de conclusão de Curso de Pedagogia.

Ceará

Julho/ 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

N244m Nascimento, Gleice Kelly Rocha do.

A mediação entre professor e alunos surdos: a visualidade como caminho para a educação dos surdos / Gleice Kelly Rocha do Nascimento. — 2023.

25f.; 30 cm.

Orientadora: Ma.Waneska Ferreira Cavalcante.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—
Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2022.

GLEICE KELLY ROCHA DO NASCIMENTO

**A MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS SURDOS: A VISUALIDADE
COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga.

Orientador(a): Ma.Waneska Ferreira Cavalcante

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a. – Professor(a) Orientador(a)

Waneska Ferreira Cavalcante

Prof^a. Dr^a. – Professora do instituição

Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz

Prof^a. Dr^a. – Professora do instituição

Dra. Luciane Cruz Silveira

Aprovada em 05/ 05/2023

FOLHA DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR-DESU
Rua das Laranjeiras, 232. Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP 22240-003
CNPJ – 00.394.445/0273-01
www.ines.gov.br

ATA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 05 de maio de 2023, foi realizada a defesa do trabalho de conclusão de curso "A mediação entre professor e alunos surdos: a visualidade como caminho para a educação dos surdos" elaborada por **Gleice Kelly Rocha do Nascimento**, do Curso de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior do INES, como requisito parcial para obtenção do Grau de licenciado em Pedagogia. Fizeram parte da Banca Examinadora o(a) professor(a) orientador(a) Ma. Waneska Ferreira Cavalcante (PMDC-RJ), a professora Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz e a professora Dra. Luciane Cruz Silveira que consideraram o trabalho aprovado com a nota final 9,5 (Nove e meio).

Rio de Janeiro, 05 de maio de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br WANESKA FERREIRA CAVALCANTE
Data: 05/05/2023 11:23:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Waneska Ferreira Cavalcante (PMDC-RJ)

Documento assinado digitalmente
gov.br OSILENE MARIA DE SA E SILVA DA CRUZ
Data: 05/05/2023 12:47:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz (DESU-INES)
matrícula: 1087814

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANE CRUZ SILVEIRA
Data: 05/05/2023 12:23:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Luciane Cruz Silveira (DESU-INES)
matrícula: 1110287

Luciana Moratelli Pinho Matrícula
matrícula 1538332
Coordenadora de Assuntos Acadêmicos DESU- INES

A MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS SURDOS: A VISUALIDADE COMO CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

RESUMO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Na trajetória da educação de surdos temos o Congresso de Milão em 1880, este traz os métodos comunicação que fizeram parte da votação que elegeu o oralismo como forma de comunicação. O sujeito surdo encontra dificuldade em estabelecer uma comunicação eficaz devido à falta de contato com a língua utilizada pelo seu grupo social. Entender a importância de possibilitar ao surdo estabelecer uma comunicação por meio da língua de sinais é imprescindível para o fazer pedagógico, assim como compreender que Libras como primeira língua e a língua portuguesa escrita como segunda língua. A mediação pedagógica na educação de surdos acontece por meio da interação entre docente e discente, tendo a comunicação por meio da Libras, que foi reconhecida como meio de comunicação legal pela Lei 10.436/2002. Entender como acontece à mediação pedagógica é importante para permitir o planejamento da ação de trabalho entre docentes e alunos, tanto pela comunicação quanto pelas estratégias utilizadas, ou pela elaboração de materiais bilíngues que atendam a necessidade do aluno. Na educação de surdos é importante que seja utilizada a experiência visual como base de estruturação e planejamento das aulas, dessa forma é fundamental recorrer a estratégias de ação fundamentadas em uma pedagogia visual, com recursos e materiais didáticos pedagógicos bilíngues, os quais utilizam a Libras como língua de comunicação e instrução e língua portuguesa escrita com alunos surdos. O presente estudo realizou por meio de uma pesquisa bibliográfica um breve resgate histórico, produzindo considerações a respeito de acontecimento e leis que influenciaram a história da educação de surdos. Esta pesquisa discorreu sobre a importância da comunicação em Libras no processo de mediação, sobre a influência de estratégias de ação baseadas em uma pedagogia visual, além de apresentar um breve relato das experiências desta pesquisadora surda em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chaves: mediação pedagógica; educação de surdos; experiência visual; materiais didáticos; Libras

RESUMO EM LIBRAS

https://youtu.be/Ajwu_zfwPKE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
DESENVOLVIMENTO	09
CAPÍTULO 1 - REFENCIAL TEÓRICO	09
CAPÍTULO 2 - UM BREVE RESGATE HISTÓRICO.....	11
CAPÍTULO 3 - A LIBRAS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS SURDOSNA EDUCAÇÃO BÁSICA	13
CAPÍTULO 4 - A PEDAGOGIA VISUAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	17
CAPÍTULO 5 - O SURDO NA SALA DE AULA : UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	18
METODOLOGIA.....	19
DISCUSSÃO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

O Congresso de Milão traz a Trajetória da votação dos três métodos de comunicação com pessoas surdas: a língua de sinais, a comunicação total e o oralismo, culminando na proibição da língua de sinais, e aprovação do oralismo. O Congresso de Milão, em 1880, é um marco, pois afetou fortemente a educação de surdos e suas decisões trazem impacto até os dias atuais. Em 1880, como afirma Silva (2006) durante o congresso de Milão, sem o consentimento de pessoas surdas e com a presença de apenas em sua maioria de pessoas ouvintes foi realizada uma votação, que escolheu dentre os métodos de comunicação, sendo eles a comunicação total, o oralismo e a língua de sinais. Essa decisão prejudicou a comunidade surda, visto que, retirou do sujeito surdo o direito de utilizar a forma de comunicação que ele se sentisse mais confortável.

Em junho de 1855, como afirma Rocha (2010), Huet apresentou ao imperador D. Pedro II, um relatório com intenção de desenvolver uma escola de surdos no Brasil, destaca sua experiência nesta área da surdez. Após ser convidado por D. Pedro II para vir para o Brasil, Huet introduziu no país a Língua francesa de Sinais (LSF). Para Rocha (2010) a educação de surdos está se desenvolvendo a margem da estória, se opondo a cruel imposição do oralismo pelo congresso de Milão. Dessa forma Huet lutou para melhorar a educação de surdos no Brasil (ROCHA, 2010). Outro marco importante para a comunidade surda brasileira, e a fundação Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no ano 1857, pelo Imperador D Dom Pedro II, tendo Huet como professor dessa instituição.

Com o Congresso de Milão, a proibição de utilização da Libras e a imposição do oralismo a aprendizagem do estudante surdo ficou prejudicada. Atualmente a utilização de estratégias visuais está modificando o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo

No estudo sobre a mediação entre professor e alunos, a autora Zanolla (2021. p.06) cita: “o conceito de mediação leva à expectativa de uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e as possibilidades do conhecer, aprender.”, dessa forma, a autora afirma aprendizagem acontece em um movimento dinâmico onde ocorre uma troca de conhecimento. São de responsabilidade do professor as questões relacionadas a mediação, cabendo ao mesmo estudar estratégias de ensino que possibilitem ao aluno surdo aprender, cabendo ao docente entender sobre assuntos relacionados a comunidade surda, a cultura, histórias e grupos sociais. Existem diferentes grupos sociais dentro da comunidade surda, sendo necessário que aquele profissional que atuará junto ao aluno surdo tenha conhecimento sobre

essas diferentes culturas, a fim de que possa proporcionar ao discente o acesso ao maior número de conhecimentos e experiências possível.

Buscando entender como o processo de mediação acontece, e reconhecendo essa questão como objetivo principal dessa pesquisa nos fazemos a seguinte pergunta : Como o processo de mediação pedagógica entre docente e discentes surdos influencia na aprendizagem das diferentes disciplinas?

Esta pesquisa tem por intenção se aprofundar na mediação entre professores e alunos surdos, orientados por uma metodologia de ensino bilíngue, mergulhados em estratégias da visualidade, sendo assim, baseada em uma pedagogia visual que também pode ser entrelaçada com os variados contextos escolares.

Esse aprofundamento passou pela análise da importância da utilizarmos Libras como meio de comunicação e língua de instrução, e pela busca dos reflexos, na educação de surdos, da influência de uma pedagogia baseada na visualidade.

. Enfim, este trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica e do relato das experiências em mediação da autora. Para isso foram feitas pesquisas em livros, revistas científicas e artigos de autores como Quadros (1997), Rocha (2010), Zanolla (2012), Campello(2007), Sacks(1990) e suas contribuições para a educação de surdos e a mediação pedagógica baseada na visualidade. Para encontrar os dados serão utilizadas os sites do repositório Huet e o Google acadêmico como fonte de dados.

CAPÍTULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

A mediação pedagógica por meio da interação entre docente e discente, tendo como meio de comunicação a Língua de sinais, assim como a pedagogia visual são parte da educação de surdos. A interação entre alunos e professores usuários de libras em diferentes níveis, desde o mais básico até os usuários fluentes, interfere diretamente no processo de aprendizagem.

Se o educador se utilizar de recursos da oralidade para explicar as disciplinas diversas o aluno surdo não entenderá. É importante existir interação durante a comunicação entre professor e estudante.

Stumpf (2009) destaca que:

A Libras é uma língua viva, completa com gramática, vocabulário, estruturas língua natural da criança surda utilizada no cotidiano em permanente evolução. É uma língua para ensinar que favorece as aprendizagens, coloca motivação, desejo de aprender. Ela permite desenvolver os conhecimentos escolares e gerais que possibilitam entrar em uma segunda língua, o Português escrito. (STUMPF, 2009, p.442)

A imagem visual, que pode ser utilizada no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo, enriquece esse processo materializando os conhecimentos para o aluno surdo de maneira visual. A utilização de recursos visuais, assim como a língua de sinais são partes da cultura surda. (CAMPELO, 2007).

Em algumas situações, porém, os alunos eram deixados sozinhos para interagir, e a ausência de mediação do professor fazia com que os diálogos fossem rapidamente interrompidos pelas óbvias dificuldades de sustentar uma conversa num momento ainda bastante incipiente de aprendizagem da segunda língua. (LEITE; MCLEARY, 2009. p. 259)

Leite e Mcleary (2009) trazem pesquisas sobre a mediação realizada por professores usuários de Libras fluentes, com objetivo de valorizar a visualidade, ou mesmo decorar sinais, no entanto, os mesmos artigos não valorizam o processo de comunicação durante o processo de mediação pedagógica, evidenciando a importância da presente pesquisa.

Os diferentes tipos de escolas que recebem os alunos surdos, sejam elas bilíngue, inclusivas ou regulares precisam estimular a aprendizagem da Libras pelos docentes. Nos casos em que o docente ministra sua aula oralmente existe a necessidade da presença do intérprete de Libras.

O indivíduo surdo encontra dificuldade em ter contato com a língua utilizada pelo grupo social no qual está imerso pela defasagem auditiva, afetando a pessoa surda na aquisição da linguagem para comunicação e conseqüentemente influenciando seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. (LACERDA,2006)

Compreender a influência da utilização da Libras no processo de comunicação, como primeira língua e fortalecimento da identidade surda se faz imprescindível no fazer pedagógico (BRAUM, 2019). A dificuldade na comunicação e interação durante o processo de mediação e utilização dos recursos visuais influencia a compreensão do professor sobre as respostas dadas pelos alunos, dificultando sua análise sobre o processo de aprendizagem, assim como também afeta a aprendizagem do aluno, visto que o processo de comunicação pode não ser eficaz.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) possui a responsabilidade de estabelecer diretrizes e recursos, de maneira de fornecer suporte as suas políticas, permitindo o aprimoramento de alunos e professores em suas ações e resultados. O MEC precisa fiscalizar e avaliar as escolas que atendem a comunidade surda para garantir o atendimento de acordo com as suas orientações.(STUMPF,2009,p.448)

A adoção de orientações claras e com rigorosa fundamentação científica, junto ao fornecimento dos recursos básicos necessários, são tarefas que competem ao MEC; ele precisa respaldar suas políticas, pois, só assim, o desempenho dos alunos e professores poderá melhorar. (STUMPF, p.448, 2009)

O aprimoramento docente proporciona melhora na aprendizagem dos alunos. Os familiares dos alunos surdos também precisam ter acesso ao curso de libras e a escola tem papel fundamental, pois mediante a essa oferta a família recebe a instrução necessária para que os familiares ouvintes consigam se comunicar em libras.

A realidade do aluno precisa ser avaliada antes de propor a modalidade bilíngue para o aluno surdo. A família precisa estar bem orientada, conhecendo a proposta de maneira ampla. É imperativo que família compreenda que a língua de sinais permite ao surdo desenvolver a sua linguagem semelhante ao ouvinte, que está possui características visuais e espaciais. (QUADROS, 1997)

Sendo de grande importância para a inserção do surdo na sociedade, a aprendizagem da língua portuguesa e das diversas disciplinas precisa caminhar em conjunto com a aprendizagem da língua de sinais utilizada em um processo de comunicação eficiente. Dessa forma esse estudo exhibe sua importância a medida que possibilitará uma reflexão sobre o processo de mediação.

CAPÍTULO 2 - UM BREVE RESGATE HISTÓRICO

Conhecendo a história da educação percebe-se que existiam os surdos sinalizantes, no entanto a ciência e as equipes da área de saúde optaram por concentrar esforços em fazer o surdo falar ao invés de se concentrar na língua de sinais. (STROEBEL,2006)

A trajetória de congresso de Milão nos dias 06 a 11 de setembro em 1988, de acordo:

Persistiu a aplicação de inúmeros métodos oralistas, geralmente estrangeiros, buscando estratégias de ensino que poderiam transformar em realidade o desejo de ver os sujeitos surdos falando e ouvindo, fazendo com que os órgãos governamentais dessem enormes verbas para a aquisição de equipamentos que

puddessem potencializar os restos auditivos. Do mesmo modo, houve projetos de formação de professores leigos que muitas vezes faziam o papel de fonoaudiólogos, ficando assim a proposta educacional direcionada somente para a reabilitação de fala aos sujeitos surdos. (STROBEL, 2006, p. 250)

O Congresso de Milão realizou a votação entre os três métodos de comunicação, e após deliberação optou pela aprovação dos métodos oralistas em função da influência das equipes de saúde. No ano de 1880 os métodos oralistas chegaram ao Brasil. No ano de 1855, o Imperador D. Pedro II faz uma carta convidando o professor francês surdo Huet, fundando o Instituto de Educação de Surdos – INES no ano de 1957. (ROCHA, 2010)

As narrativas sobre esse período, encontradas nessa produção, ora são descritas somente como o triunfo do oralismo e a proibição da língua de Sinais, ora são descritas como distanciadas dos sentidos da educação geral dos anos cinquenta no Brasil. (ROCHA, 2010, p.15)

Os surdos brasileiros foram proibidos de se comunicar em língua de sinais por causa do congresso de Milão. Huet lutou pela educação de surdos e pelo uso da Libras, ministrou aulas para os alunos surdos de diversos estados. Os alunos ficavam em dormitórios no INES, e tinham aulas da Língua Francesa de Sinais–LSF. Segundo Rocha (2010), métodos oralistas predominaram sobre a proibição da língua de sinais. (ROCHA, 2010)

. “As escolas de surdos foram muito criticadas por suas carências e nada valorizadas em seu papel que, durante anos, foi o de única alternativa aos surdos.” (STUMPF, 2009, p.446). Atualmente o Brasil luta pela valorização e pela melhora na qualidade da educação de surdos nos estados do país, e principalmente pela oferta de uma educação bilíngüe, com a língua Brasileira de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua

No Brasil, a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 dispõe sobre Língua Brasileira de sinais. Esta Lei reconhece a Língua brasileira de sinais como meio legal de comunicação e expressão da pessoa surda. (BRASIL,2002).

O decreto 5626/05 e Lei 14.191/21 garantem aos alunos surdos um suporte legal que fornece acesso a educação bilíngüe, que tem início de zero anos, passando pela educação infantil e estende ao longo de toda a vida, sendo viabilizado por meio de atendimento educacional especializado bilíngüe, com professores bilíngües, intérpretes de libras, assim como com equipamentos e tecnologias que viabilizem que o aluno tenha acesso a comunicação, informação e educação. A educação bilíngüe, foco desse estudo, refere-se ao ensino de Libras e a modalidade escrita de língua portuguesa como língua de instrução para desenvolvimento do processo educativo. .(BRASIL,2005; BRASIL,2021)

As pesquisas referentes a relação entre docentes e discentes surdos mediação escolar até os dias atuais enfocam a importância de uma didática direcionada para a pedagogia bilíngue. A comunicação entre esses dois grupos na escola de surdos precisa ser em Libras, pois dessa forma se torna possível investigar se os alunos surdos entenderam os conteúdos explicados, sendo assim esses estudantes conseguem, por meio das suas respostas na Língua brasileira de sinais, são capazes de demonstrar o seu real entendimento das aulas. (CAMPELO, 2007)

Com a finalidade de fazer os alunos entenderem a diversas disciplinas que lhe são apresentadas, dessa forma favorecer o processo de ensino-aprendizagem, é fundamental a utilização de estratégias e recursos didáticos fundamentados em uma pedagogia visual. “Dessa forma, o conteúdo a ser ensinado deixa de ser o centro do processo pedagógico e a figura do professor e a significação para o estudante é que passam a constituir o elemento-chave do processo de aprendizado.” (GIL, 2018, p.04)

O papel do professor é educar, tendo responsabilidade por ensinar, transmitir conhecimentos das mais variadas disciplinas. A aprendizagem do aluno assim como o processo de mediação pedagógica se torna partes fundamentais do processo de ensino.

CAPÍTULO 3 - A LIBRAS NO PROCESSO DE MEDIAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS SURDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

A descrença dos diversos profissionais na potencialidade da língua de sinais e sua capacidade de discussão de temas científicos diversos, empurrando essa importância para a língua da maioria, o português escrito. A comunicação é fundamental para o convívio em sociedade e para o surdo, torna necessária a aprendizagem da língua de sinais. No entanto, a língua de sinais e suas possibilidades não são exploradas no meio escolar. (Quadros, 2004)

As crianças surdas nascidas em lares ouvintes adentram a escola sem uma linguagem adquirida, dessa forma não possuem um canal de comunicação eficiente para aprendizagem dos demais conteúdos, dessa forma se torna importante que a escola retome o processo de aquisição da linguagem até que o aluno consiga aprender a Libras. No caso dos interlocutores ouvintes, estes aprendem a língua de sinais, mas desenvolvem uma linguagem híbrida que mistura português e libras, dessa forma a aquisição da linguagem por crianças surdas deve acontecer preferencial por professores surdos. A língua de sinais carrega o caminho de fortalecimento da identidade surda e precisa ser fortalecido, trazendo para a vivência da criança surda adultos surdos que funcionem como modelos de sucesso. (QUADROS, 2004)

Os alunos surdos se desenvolvem por meio da comunicação e interação em Libras e de materiais didáticos desenvolvidos pelos professores. Se os professores não são fluentes em Libras, se torna mais difícil estimular o aluno surdo podendo prejudicar sua aprendizagem. Quadros cita que “os professores desconhecem a experiência visual surda e suas formas de pensamento que são expressas através de uma língua visual espacial: a língua de sinais.” (QUADROS, 2004, p.07). Os docentes fluentes precisam ser capazes de organizar a mediação pedagógica didaticamente para alunos surdos, relacionando a construção de materiais didáticos embasados na comunicação visual e em diferentes disciplinas. Com isso objetivo é estimular os alunos surdos ampliar seu interesse na aquisição, desenvolvimento e expressão em libras. (QUADROS, 2004)

As proposições apresentadas instigam novos olhares diante das redes que se formam entre os diferentes campos de investigações. Pensar em diferentes formas de ensinar e aprender considerando diferentes formas de pensar, de expressar, de ver o outro, nos redimensiona e nos provoca no sentido de busca e de encontro. Os efeitos de modalidade provocam novos olhares sobre a pedagogia. As línguas de sinais nos contextos em que são usadas pelas pessoas surdas apresentam diferentes vieses de uma possível pedagogia, a pedagogia visual. brincar, podemos ler, podemos sentir, podemos perceber o mundo, podemos aprender, podemos ensinar através do visual que organiza todos os olhares de forma não auditiva. (QUADROS,2004,p.12)

Quadros (2004) propõe diversas intervenções pedagógicas, que baseadas em uma pedagogia visual oferecem ao aluno surdo a possibilidade de experimentar a interação em libras em diversos contextos de aprendizagem. A Autora sugere atividades que promovam a internalização da linguagem, acesso a aspectos formais da língua através de atividades lúdicas, diferentes funções e usos da linguagem, explorando a arte da língua de sinais, em ações como por exemplo, passeios, brincadeiras, horas do conto, acesso a eventos da comunidade surda, mini-palestras com surdos. (QUADROS,2004)

Os alunos percebem nas imagens, nos sinais, e nas mais variadas formas a importância deles se expressarem em libras, podendo experimentar as possibilidades do uso da Libras. É de suma importância, que os surdos tenham acesso a língua de sinais como L1, que a mesma seja introduzida de forma que o aluno possa desenvolver sua percepção visual, considerando os estudos sobre a experiência visual e a pedagogia visual. Os surdos absorvem as informações do meio que o cerca principalmente por meio do sentido da visão, sendo assim eles captam todo tipo de conhecimento das mais diversas áreas de interesse por meio dos olhos. De acordo com Marques (2017): “A experiência visual proporciona ao sujeito surdo perceber o mundo de maneira diferente e assim reflete a sua subjetividade, emoções, histórias e cultura, portanto, sua arte explora sua criatividade a partir de um novo “olhar”.” (MARQUES, 2017. P.12688)

Professores fluentes percebem que a experiência visual inclui a comunicação feita por meio da Libras em sala de aula, por meio da mediação pedagógica baseada na educação de surdos. Quadros (2004) e Perlin e Miranda (2004) contribuem para discussões a respeito da experiência visual e da compreensão dos alunos surdos, principalmente na expressão do pensamento em libras, quanto na hora que temos diversas disciplinas que requerem a mediação docente. Através dessa experiência e do entendimento do aluno surdo pretende-se alcançar o conhecimento a respeito da cultura surda e da identidade surda, fazendo com que os alunos reflitam sobre as informações que receberam QUADROS (2004), PERLIN; MIRANDA (2004). Segundo Perlin e Miranda (2004) entendemos que:

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN; MIRANDA. 2003. P.218)

A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue envolve a cultura e identidade surda, sua interação visual na língua de sinais com o professor surdo ou com ouvinte fluente em libras em um trabalho bilíngue com surdos, com outros alunos surdos. E de grande importância trabalhar a percepção visual dos alunos nas séries iniciais por meio de uma pedagogia visual. Cabe ao docente responsabilidade de avaliar o que o aluno consegue captar pela percepção visual mediante interação com perguntas e respostas, podendo utilizar esse recurso nas diferentes disciplinas escolares.

Os professores de alunos surdos precisam possuir formação profissional que permita fazer um trabalho envolvendo uma pedagogia visual, com metodologia, atividades, e aulas com os mais variados recursos imagéticos no processo de mediação nos anos iniciais de escolaridade.

Quando os discentes estão restritos aos sinais de cada vocabulário, sem se aprofundar na gramática, como por exemplo, sem conhecimento para uma mediação com perguntas e respostas seja com professores, com a família com a comunidade, dentro ou fora da escola, ocorre prejuízo na sua interação com as pessoas do meio em que vive e na forma como tem acesso ao conhecimento.

O sujeito surdo gosta da metodologia de uso dos sinais e palavras, o mesmo desconhece a importância compreender e treinar a comunicação por meio de perguntas e respostas na Língua brasileira de sinais para a aquisição da linguagem.

Como estratégia didática para os estudantes surdos precisam se comunicar em Libras sobre várias temáticas, realizar leitura de livros, histórias, contar e recontar histórias, sendo importante utilizar uma metodologia que inclua a percepção visual e criatividade para desenvolvimento de atividades. Para se desenvolver em língua portuguesa o estudante surdo não deverá apenas escrever os sinais em português, mas escrever considerando a gramática, possibilitando ao mesmo a compreensão necessária para que seja capaz de avançar nos seus estudos.

Campello (2007) dialoga sobre pedagogia visual, e do planejamento de aulas com a utilização de vários materiais visuais, tendo a língua de sinais como língua de comunicação, e também com o desenvolvimento de propostas educacionais voltadas para a arte e a cultura visual, criando ferramentas e práticas próprias, para proporcionar o desenvolvimento da criatividade plástica e imagética. No entanto, a utilização da Libras exclusivamente não é suficiente para o desenvolvimento do aluno, é preciso recorrer a potencialidade visual da Língua brasileira de sinais, a partir de uma semiótica imagética. O termo " semiótica imagética" refere-se a um trabalho com signos em língua de sinais, que explora ao máximo as características visuais dessa língua: (CAMPELLO, 2007; MARTINS, 2010; CAMPELLO, 2008)

Nós, alunos surdos, compreendemos os conteúdos das diversas disciplinas quando durante a mediação pedagógica os professores apresentam as informações de forma a esclarecer os assuntos considerando estratégias baseadas em uma pedagogia visual. Da mesma forma a construção de materiais didáticos para a educação de surdos precisa considerar o pensamento estruturado em uma lógica visual, com estratégias visuais, independente da disciplina ser de artes, educação ou outras. Conclui-se que cabe ao professor fluente em Libras a responsabilidade nessa ação pedagógica direcionada ao surdo.

Quando refletimos a respeito do que se trata a língua de sinais podemos distinguir duas habilidades: a habilidade de expressar-se em sinais e a de compreender sinais. Expressar em sinais é a habilidade de se comunicar formal ou informalmente, com autonomia e mantendo a coerência do discurso. A habilidade de compreender sinais compreende ver e compreender o que é sinalizado por outras pessoas, atribuindo significado. (BASSO, STROBEL, MASUTTI, 2009)

Para que a educação de surdos possa apresentar um trabalho de qualidade, possibilitando que os surdos estudem e aprendam se faz necessário que o plano de aula elaborado para as diversas disciplinas que considerem a habilidade de expressar e de compreender os sinais do surdo em desenvolvimento.

Um curso de formação de professores que tenha como objetivo a educação de surdos, precisa desenvolver no futuro habilidade de guiar seus alunos no processo de aprendizagem. Esse profissional deve ser capaz de compreender e refletir sobre como os surdos aprendem. No plano de aula, as disciplinas e seus conteúdos precisam ser estruturados em um trabalho desenvolvido na língua de sinais. Assim como, o professor precisa ser capaz de compreender a sinalização dos alunos surdos em desenvolvimento.

CAPÍTULO 4 - A PEDAGOGIA VISUAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Voltando o estudo da pedagogia visual, a pesquisadora surda Campello (2008), cita que a “Pedagogia Surda ou Pedagogia Visual, uma vez que esta se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender”. (CAMPELLO, 2008, p.10). A autora surda reconhece que o estudo sobre pedagogia surda ou Pedagogia visual, faz parte de um caminho que busca melhorar a produção de materiais didáticos da Libras para o ensino de alunos surdos. (CAMPELLO, 2008)

Segundo Campello (2008) o Brasil precisa se desenvolver no que envolve a pedagogia visual, seja oferecendo formações sobre o tema para habilitar profissionais para o trabalho com uma pedagogia fundamentada em bases visuais, assim como, na produção de materiais que atendam as necessidades dos alunos surdos.(CAMPELLO,2008)

A pedagogia visual reflete a necessidade de apresentar o mundo na forma de imagens, através de uma semiótica imagética. Dessa maneira, o profissional de educação que atua na educação de surdos precisa planejar sua aula organizando as ideias a partir das imagens, que são a língua de sinais, a datilologia, as fotografias e etc. Na surdez a percepção do mundo chega através de um processamento visual. A língua de sinais é um excelente exemplo, pois a comunicação eficiente por meio desta linguagem requer a capacitação pela visão dos elementos do cenário e pela sinalização. (CAMPELLO,2008)

A habilidade de perceber o mundo visualmente precisa ser trabalhada, desenvolvida, pois mesmo o surdo pode não conseguir absorver e transmitir as informações visuais com riqueza de detalhes e fluidez. Um surdo que cresceu com um ensino oralista tem sua formação baseada no oralismo e não na visualidade. (CAMPELLO,2008)

Os autores pesquisadores Basso; Strobel e Masutti (2009) e Campello (2008) trazem discussões novas sobre a metodologia de ensino da Libras como como L1, nas quais o principal é se expressar e compreender em sinais os conteúdos, as temáticas que os alunos se interessam e estudam, conseguindo dessa forma se desenvolver e aprender, onde a pedagogia

visual traz embasamento para o desenvolvimento de materiais didáticos. Com professores fluentes em libras os alunos entendem os conteúdos e conseguem apresentar respostas acertivas as questões apresentadas em sala. (BASSO; STROBEL; MASUTTI, 2009; CAMPELLO, 2008)

A experiência vivenciada na escola com “uma linguagem visual, imagética, de expressão corporal e de representações artísticas” (BASSO; STROBEL; MASUTTI, 2009, p.13) produz contextos onde o aluno pode imergir em uma prática social, discursiva, que possibilita se comunicar em libras com seus pares. Essa experiência fica mais rica se o docente compartilhar das mesmas experiências visuais, ou seja, se for uma pessoa surda. Pensar na pedagogia visual significa enxergar o mundo pelos olhos do surdo. (BASSO; STROBEL; MASUTTI, 2009, P.13)

A experiência visual pela qual a pessoa surda vive proporciona a ela uma visão de mundo diferente, pois permite a percepção de detalhes e experiências que transformam a maneira como o indivíduo capta as informações. Diante dessa particularidade precisamos embasar a educação de surdos em estratégias, materiais, experiências baseadas na visualidade, ou seja, no mundo através dos olhos do surdo, de sua cultura, de Língua.

CAPÍTULO 5 - O SURDO NA SALA DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao observar a dinâmica de sala de aula de uma turma com alunos surdos de 8 a 10 anos, onde professores surdos ou ouvintes com fluência na Língua brasileira de sinais, percebemos na interação dos alunos, que eles alcançam o entendimento dos assuntos abordados.

No caso dos docentes que não são fluentes em Libras existe a necessidade da presença do intérprete para que a comunicação seja possível. No entanto, quando o docente se comunica diretamente com o aluno comunicação e compreensão são facilitadas. Nesses casos os objetivos de aprendizagem são mais rapidamente alcançados. A interação direta entre docentes e discentes permite ao aluno tirar dúvidas mais facilmente, permite ao professor explicar de diversas formas para que o aluno compreenda. O profissional fluente em libras consegue planejar aulas tendo como estratégias a visualidade assim como a criação de materiais didáticos direcionados ao público surdo. Muitas vezes o aluno não aprende determinado conteúdo, não por não conhecer a palavra, mas por que ainda não conseguiu construir o conceito que permite a compreensão do conhecimento

Para que os alunos tenham bom desenvolvimento a Língua brasileira de sinais é considerada a sua primeira língua, dessa forma as aulas, as conversas, as explicações, a interação e atividades em sala de aula precisam sempre começar pela língua de conforto do aluno.

A utilização de imagens, assim como o estímulo a utilização da Libras nos diversos contextos é importante para o aluno avance na sua aprendizagem. O uso recursos como contar e recontar histórias, brincadeiras, criar novas histórias, dinâmicas, uso de data show. O professor precisa ter compreensão dos diferentes níveis cognitivos do aluno surdo e para isso precisa se comunicar diretamente com seu aluno.

A elaboração de uma aula que considere mediação em Libras e o processo cognitivo do aluno requer que o docente entenda a estrutura da Língua brasileira de sinais, pois é na primeira língua que o aluno organiza e expõe as suas idéias.

Na minha prática, os alunos surdos chegam a escola em níveis de aprendizagem diferentes e a percepção visual permite ao surdo captar as informações. No entanto, o atraso no acesso a Libras interfere nesse processo. Muitos surdos nascem em famílias de ouvintes e não sabem Libras porque não tem acesso a esta língua. As famílias com pais ouvintes não conhecem a Libras para ensinar aos seus filhos, assim como não levam eles as atividades da comunidade surda nas associações, por isso o surdo chega a escola sem conhecer a Libras

3. METODOLOGIA

Este trabalho teve como foco principal entender o processo de mediação pedagógica na educação de surdos baseado em uma didática bilíngue e integrada com uma pedagogia visual, e sua interferência na aprendizagem das diferentes disciplinas pelo aluno surdo.

No decorrer da pesquisa surgiram questionamentos sobre o processo de comunicação entre docente e discente surdo e seus reflexos na mediação pedagógica, sobre a influência de uma pedagogia baseada na visualidade na educação de surdos e uma reflexão sobre a mediação pedagógica e sua ação na prática de sala de aula.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica e do relato das experiências em mediação da pesquisadora.

A pesquisa bibliográfica tem por finalidade explicar um problema, responder um questionamento a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Esta pesquisa é construída ao buscar conhecer e analisar contribuições culturais ou científicas pré existentes relativas a determinado assunto (CERVO; BERVIAN, 1983). A presente pesquisa aconteceu

por meio do levantamento de pesquisas publicadas em livros, revistas científicas e artigos de autores como Quadros (1997), Rocha (2010), Zanolla (2012), Campello (2007), Sacks (1990) e suas contribuições para a educação de surdos e a mediação pedagógica baseada na visualidade. Para encontrar os dados serão utilizadas os sites do repositório Huet e o Google acadêmico como fonte de dados.

O relato de experiência da pesquisadora surda constitui a parte descritiva desta pesquisa. A pesquisa descritiva “Trata-se do estudo e descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada.” (CERVO; BERVIAN, 1983, p.56).

4. DISCUSSÃO

O congresso de Milão trouxe grande retrocesso para a comunidade surda. Atualmente temos o reconhecimento legal da Libras e podemos utilizá-la, mas ainda precisamos aprender sobre a mediação pedagógica e como ela acontece entre professor e alunos surdos.

A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue envolve a cultura e identidade surda, sua interação visual na língua de sinais com o professor surdo ou com ouvinte fluente em libras em um trabalho bilíngue com surdos com outros alunos surdos. E de grande importância trabalhar a percepção visual dos alunos nas séries iniciais por meio de uma pedagogia visual. Cabe ao docente responsabilidade de avaliar o que o aluno consegue captar pela percepção visual mediante interação com perguntas e respostas, podendo utilizar esse recurso nas diferentes disciplinas escolares.

Os professores de alunos surdos precisam possuir formação profissional que permita fazer um trabalho envolvendo uma pedagogia visual, com metodologia, atividades, e aulas com os mais variados recursos imagéticos no processo de mediação nos anos iniciais de escolaridade. A aprendizagem de língua portuguesa é importante, pois o aluno surdo vive em país onde a principal língua utilizada na circulação de informações é o português. No entanto a comunicação em Libras permite ao surdo compreender e interagir com a sociedade, sendo assim de extrema importância que docente, discente e familiares saibam se comunicar em Libras.

Quando os discentes estão restritos aos sinais de cada vocabulário, sem se aprofundar na gramática, como por exemplo, sem conhecimento para uma mediação com perguntas e respostas seja com professores, com a família com a comunidade, dentro ou fora da escola,

ocorre prejuízo na sua interação com as pessoas do meio em que vive e na forma como tem acesso ao conhecimento.

O sujeito surdo gosta da metodologia de uso dos sinais e palavras, o mesmo desconhece a importância compreender e treinar a comunicação por meio de perguntas e respostas na Língua brasileira de sinais para a aquisição da linguagem.

Como estratégia didática para que estudantes surdos melhorem sua comunicação em Libras sobre várias temáticas podemos: realizar leitura de livros, histórias, contar e recontar histórias, sendo importante utilizar uma metodologia que inclua a percepção visual e criatividade para desenvolvimento de atividades. Para se desenvolver em língua portuguesa o estudante surdo não deverá apenas escrever os sinais em português, mas escrever considerando a gramática, possibilitando ao mesmo a compreensão necessária para que seja capaz de avançar nos seus estudos.

Campello (2006) dialoga sobre pedagogia visual, e do planejamento de aulas com a utilização de vários materiais visuais, tendo a língua de sinais como língua de comunicação, e também com o desenvolvimento de propostas educacionais voltadas para a arte e a cultura visual, criando ferramentas e práticas próprias, da proporcionar o desenvolvimento da criatividade plástica e imagética. No entanto, a utilização da Libras exclusivamente não é suficiente para o desenvolvimento do aluno, é preciso recorrer a potencialidade visual da Língua brasileira de sinais, a partir de uma semiótica imagética. O termo " semiótica imagética" refere-se a um trabalho com signos em língua de sinais, que explora ao máximo as características visuais dessa língua: (CAMPELLO, 2006; MARTINS, 2010; CAMPELLO, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos a respeito da história do Congresso de Milão, que ocorreu em 1880 na Itália, tomamos conhecimento de três formas de comunicação: oralismo, comunicação total e a língua de sinais. Com a aprovação do oralismo, no referido congresso, iniciou-se aqui no Brasil uma luta pelo reconhecimento da importância da língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa escrita como segunda língua para o aluno surdo.

Ao refletirmos sobre o processo de mediação pedagógica na educação de surdos, se torna evidente que esse processo precisa ser aprimorado, assim como existe a necessidade da elaboração de materiais didáticos e outros recursos, a formação de professores surdos e

ouvintes pautados em uma metodologia visual, com a comunicação estabelecida na Língua brasileira de sinais.

Ao longo dessa pesquisa expõe-se a necessidade de estimular o aperfeiçoamento dos profissionais de educação envolvidos na educação de surdos, assim como a necessidade de se manter a comunicação interação por meio da língua brasileira de sinais, em um ensino bilíngue que tenha a Libras com primeira língua do surdo brasileiro e a língua portuguesa escrita como segunda língua.

A partir do conhecimento prático sobre os alunos surdos, sabemos que os mesmos chegam à escola com níveis de aprendizagem diferentes. A percepção visual permite ao sujeito surdo desenvolver uma habilidade de captar informações visuais sobre conteúdos das diversas disciplinas, nos materiais didáticos, na Língua brasileira de sinais, nas informações visuais que lhe são apresentadas.

A estratégia de trabalho a ser utilizada pelos docentes requer uma didática que se aprofunde na experiência visual, na cultura surda, na identidade surda e em uma pedagogia visual. e diante dos recursos alcançados aprimorar a mediação pedagógica, a relação entre professores e alunos, na educação de surdos. No entanto, o atraso no acesso à Língua brasileira de sinais interfere diretamente no processo de aprendizagem, visto que a comunicação precisa estar estruturada para que o aluno possa ter acesso ao conhecimento.

REFERÊNCIAS

BASSO, Idavania Maria de Souza; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **Metodologia de ensino de Libras – L1**. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis. 2009. Disponível em: <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS_.pd>. Acesso: 24 abr de 2023.

BRASIL, Presidência da República. Lei Nº10. 436, de 24 de abril de 2002. Dispõem sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 24 abr 2023.

BRASIL. Lei nº 14.191 2021 sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. 2021. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/lei/114191.htm>. Acesso em 19 fev 2023.

BRASIL, Presidência da República. Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 22 abr. 2023.

BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMOTO; Patrícia Helena Vivan Ribeiro. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/download/1770/1645>>. Acesso: 22 abr. 2023.

BRAUM, Gabriela; ZANONI, Helenilze Espindula Rossi Coser. A importância da comunicação em libras para o processo educacional do aluno surdo. **Revista Interdisciplinar da Farese** | Santa Maria de Jetibá, ES | V.01 | nº 02 | p. 14-31 | 2019. Disponível em:<<https://farese.edu.br/wp-content/uploads/sites/6/2020/02/IMPORT%C3%82NCIA-DA-COMUNICA%C3%87%C3%83O-EM-LIBRAS-PARA-O-PROCESSO-EDUCACIONAL-DO-ALUNO-SURDO.pdf>>. Acesso: 22 abr. 2023.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, R. M. de.; PERLIN, G. (orgs). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. P. 100 – 131.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos**. Tese de Doutorado. UFSC. Florianópolis, fevereiro de 2008. Disponível em: <https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf>. Acesso: 21 abr 2023.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso de estudantes universitários. 3.ed.. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil,1983.

GIL. Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. 2. Ed. São Paulo. Atlas. 2018.

GIL. Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 7.Ed. – [2. Reipr.]. – São Paulo. Atlas. 2021.

LACERDA. Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/KWGSm9HbzsYT537RWBNBcFc/?lang=pt#> >. Acesso : 22 abr. 2023.

LEITE, Tarcísio de Arantes; MCCLRARY, Leland. Estudo em diário: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF Marianne Rossi (organizadoras). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. Disponível em:< <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudo-Surdos-IV-SITE.pdf> >. Acesso: 22 abr 2023.

MARQUES. Marclely da Luz. **Prática pedagógica no ensino de Libras**. Formação de professores: contextos, sentidos e práticos. Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. 2017. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/63466712-A-pratica-pedagogica-no-ensino-de-libras.html> >. Acesso: 22 abr 2023..

MEDEIROS. Jonatas rodrigues. **Tradução e letramento acadêmico**: uma proposta metodológica do processo tradutório do par linguístico língua portuguesa/libras. Universidade Federal do Paraná. 2018. Disponível em < https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/59016/TCC%20JONATAS%20MEDEIROS_deposito%20legal%2013-02-2019.pdf?sequence=1&isAllowed=y > Acesso: 22 abr. de 2021.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. **Surdos**: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, n.5, p. 217-223, 2003. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249> >. Acesso: 22 abr. 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Arned, 1997.

QUADROS, Ronice Müller De. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas In: Mendes, E. G.; Almeida, M. A.; Williams, L. C. de A. (Org.). **Temas em educação especial IV**. São Carlos: EdUFSCar, p. 55-61. 2004. Disponível em:< <https://docplayer.com.br/13359341-Educacao-de-surdos-efeitos-de-modalidade-e-praticas-pedagogicas-dra-ronice-muller-de-quadros-ufsc-1.html> > .Acesso: 22 abr. 2023.

ROCHA, Solange. **Memória e História**: A Indagação de Esmeralda. Petrópolis, RJ. Arara Azul. Coleção Caderno Acadêmico. 2010.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos.

Tradução: Alfredo B. P. de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Disponível:<

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxtYXRlcmlhbGRhYW5kcmVpYXxneDo3ZTRhNjZlZTcyYTQ0MmZm> >. Acesso:24 abr 2023.

SILVA, Vilma. **Educação de surdos**: uma releitura da primeira escola pública para surdos de Paris e do congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Muller de. Estudos surdos I. Petropolis, RJ: Arara azul.2006.

STROBEL. Karin Lílian. **A Visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. Dossiê. Grupo de Estudos e Subjetividade. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.245-254, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/806/821> >. Acesso: 24 abr 2023.

STUMPF. Marianne Rossi. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In.: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF Marianne Rossi (organizadoras). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009. Disponível em: <
<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudo-Surdos-IV-SITE.pdf> >. Acesso:24 abr 2023.

ZANOLLA. Silvia Rosa da Silva. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. **Psicologia & Sociedade**; 24 (1), 5-14, 2012. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/TCSH4t4XLVcwCtfBv3WBqJb/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso:24 abr.2023.